

## COZINHA COMUNITÁRIAS COMO TECNOLOGIAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO GRANDE BOM JARDIM

Nathelly Araújo Dos Santos<sup>1</sup>  
Moises Tavares Cá<sup>2</sup>  
Eduardo Gomes Machado<sup>3</sup>

### RESUMO

Este estudo, fruto da pesquisa de Iniciação científica e Tecnológica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico (PIBIT), realizada em parceria com o Grupo de Pesquisa Diálogos Urbanos. A pesquisa buscou analisar a hipótese de as Cozinhas Comunitárias serem tecnologias sociais inovadoras e socialmente relevantes ao enfrentamento da questão social, e particularmente da fome, junto às populações e territórios que vivenciam vulnerabilidade extrema. Identificamos que além da Hipótese a teoria que a inovação tecnológica da Rede foi capaz de conseguir criar e reafirmar uma nova narrativa que coloca seus agentes no centro das escolhas e de trabalhar sob essa perspectiva rejeitando o modelo tradicional em que as lideranças comunitárias trabalhavam sob a ótica de uma velha política muitas vezes paternalista e clientelista, buscando novas soluções e estratégias baseadas no saber fazer popular comunitário criando assim metodologias de debates e construções de diálogos, baseadas em dados construídos pela própria rede. A metodologia foi a observação direta de situações cotidianas em processos internos (reuniões de planejamento estratégicas, elaborações de regimentos e convocação para reuniões extraordinárias e ordinárias). Quanto para reuniões externas (Reuniões com o poder executivo e legislativo) fazendo anotações em um diário de campo e posteriormente, desenvolvendo relatórios analíticos tentando enfatizar a estrutura utilizada dentro das reuniões, falas e contextos das reuniões. Capazes de agregar o conhecimento local e a sabedoria popular já existentes, traçaram estratégias para abrir novos caminhos para a aplicação de políticas públicas de grande relevância nas esferas municipal, estadual, federal no combate a fome e avançar na agenda de insegurança alimentar nos territórios do Grande Bom Jardim. Trazendo para o debate o direito humano à alimentação adequada e saudável, com valor nutricional pensando no cardápio que já é naturalmente aceito dentro da cultura alimentar local. Moldando soluções para um problema que se mostra persistente em todo o mundo e principalmente, nas grandes cidades com maior disponibilidade de alimentos de baixa nutrição, ultra processados e de alimentos de preparação fácil ou pré-cozidos além de refeições rápidas mais baratas, que geralmente são hipercalóricos e com alto teor de gorduras, açúcares ou sal. As medidas adotadas pela rede de cozinhas comunitárias do Grande Bom Jardim se apresentam como uma nova ótica para o poder público a de que às pessoas em situação de vulnerabilidade social tem o direito humano à alimentação adequada e rica em nutrientes.

Palavras-chave: Cozinhas comunitárias; tecnologias sociais; fome.

1 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, e-mail: nathelly@aluno.unilab.edu.br

2 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, e-mail: moisesinditavares@gmail.com

3 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, e-mail: eduardomachado@unilab.edu.br

**Palavras-chave:** Cozinhas comunitárias; Tecnologias sociais; combate a fome; movimento popular comunitário.

---

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Campus Palmares, Discente, nathelly@aluno.unilab.edu.br<sup>1</sup>

Universidade da Lusofonia Afro Brasileira- UNILAB, Campus Palmares, Discente, moisesinditavares@gmail.com<sup>2</sup>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus Palmares, Docente, eduardomachado@unilab.edu.br<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

De acordo com o último relatório da UNO o estado da Insegurança alimentar e nutricional pelo mundo SOFI 2024, estima-se que entre 713 e 757 milhões de pessoas correspondendo a 8,9 e 9,4 da população global respectivamente, podem ter ou enfrentaram fome pelo mundo, respectivamente no ano de 2023, cerca de 152 milhões a mais do que 2019. O relatório também destaca que o acesso a alimentos adequados continua inatingível para bilhões de pessoas. Em 2023, cerca de 2,33 bilhões de indivíduos no mundo enfrentaram insegurança alimentar moderada ou grave, um número que não mudou significativamente desde o aumento brusco em 2020, em meio à pandemia da COVID-19. Entre esses, mais de 864 milhões de pessoas experimentaram insegurança alimentar grave, ficando sem comida por um dia inteiro ou mais. Esse número tem permanecido persistentemente alto desde 2020 e, embora a América Latina apresente melhora, desafios mais amplos seguem presentes.

Diante dessa constatação é que as cozinhas comunitárias do Grande Bom Jardim se revelam como uma tecnologia social que além de alimentar, trazem outra perspectiva sobre o que é política pública no combate a fome, que a política além de garantir a segurança alimentar também traga o valor nutricional adequado sem infringir a cultura alimentar do território.

As cozinhas comunitárias do Grande Bom jardim, detém essa tecnologia por já terem a cultura alimentar como base de suas associações e entidades presente por décadas no território do grande bom jardim, território esse que perpassa por uma série de violações de direitos básicos, falta de saneamento, educação, segurança, saúde, transporte e por ser uma região de divisas tanto para o município de Caucaia como para Maracanaú esse marcador territorial de estar entre fronteiras sempre trouxe uma série de descasos com o poder público pois as políticas públicas chegam com atraso de décadas obrigando os moradores a ter que lutar por esses direitos básicos e tentar contornar em certa medida as deficiências que esses atrasos trazem, principalmente as associações e entidades sem fins lucrativos de moradores que acabam por fazer o papel que esses agentes públicos deveriam fazer, com base na solidariedade de atender a quem tem fome como prioridade essas associações e entidades já tem a cultura alimentar como base de suas ações como e o caso da associação Espirita de Umbanda São Miguel localizada na R. Medelim, 2914 - Bom Jardim, Fortaleza - CE, em que o Mestre de cultura Pai Neto Tranca Rua ele já detém essa sabedoria alimentar como cultura tradicional a pelo menos 40 anos ou a associação comunitária do Marrocos na Rua Reginaldo França Rodrigues, 150, Siqueira, na qual Dona Zélia líder comunitária e agente de cidadania que atua no bairro a pelo menos 23 anos cozinha em um fogareiro sopa para mais de 100 pessoas. Essas experiência e costumes popular comunitário fortifica as relações comunitárias mutualmente para além de saciar a fome, mas de trazer a dignidade, esperança, alento de quem se importa com o bem estar das pessoas que estão em situação de vulnerabilidade alimentando a alto estima e possibilitando que essas pessoas voltem a sentir dignidade humana.

Além de aliviar a fome extrema as 24 cozinhas atuam também em diversas frentes, cada associação da rede, tem sua especificidade como essas iniciativas comunitárias estão ligadas a associações de moradores e instituições religiosas, incluindo padres, pastores evangélicos e líderes do candomblé entre outros temas e temáticas. Todos eles trabalham juntos em OQS (Organizações do Quadro Social), associações e cooperativas específicas, como a dos catadores de recicláveis (ascabonja). Já demonstravam ser verdadeiros laboratórios sociais atuando pela igualdade de direitos trazendo soluções para essas ausências do poder público trazendo soluções muitas vezes sem recurso ou altos investimentos fazendo isso diariamente remediando questões dentro da comunidade desde a ausência de um reforço escolar para as crianças até oficinas de artesanato

com idosos, esporte e arte para as crianças, cursos profissionalizantes, proporcionando momentos de lazer, movimentando a comunidade com datas festivas, enfim, cada associação tem o seu calendário dentro das suas dinâmicas orgânicas que foi construído junto da comunidade. Essa vivências se interlaçam e as lideranças entende o que e como fazer.

Diante do evento pandêmico, da corona vírus 2019 as lideranças de vários coletivos localizados no Grande Bom jardim incluindo o CDVHS (Centro de defesa a Vida Hebert de Sousa), a Rede DILIS (Rede de desenvolvimento integral, local e sustentável no Grande Bom Jardim estiveram envolvidos em uma série de organizações e eventos que culminaram na decisão de conduzir uma pesquisa sobre a fome. Dado o conhecimento local e a sabedoria popular já existentes, decidiram unir esse conhecimento com o conhecimento científico. Lançando o Mapa participativo de enfrentamento a fome no Grande Bom Jardim, essa experiência revela algumas coisas importantes, primeiro a capacidade dessas sociedades em parceria com as universidades de produzir conhecimento científico e popular em conjunto e conseguir gerar dados especializados, dados concretos que permitem ao poder público, definir prioridades de atuação.

Mostrando onde a fome é mais grave dentro desses bairros, através de uma metodologia científica chamada cartografia social, e com as participações diretas das cozinhas comunitárias, tanto os mapas quanto os dados coletados especificaram quais são as quadras, ruas e pedaços de ruas, onde a situação da fome e mais grave, evidenciando também que dentro dos bairros existem regiões diferentes onde há uma maior precariedade na assistência social, ou seja o mapa foi capaz de identificar onde ficava as pessoas mais vulneráveis dentre os vulneráveis, além do mais, as autoridades de âmbito municipal e estadual e federal, não tiveram essa expertise, é o quanto isso é fundamental para que se possa priorizar uma ação emergencial e imediata. Segundo ponto o mapa participativo revelou que as cozinhas comunitárias e a sociedade civil local é capaz também de trabalhar e demandar políticas estruturais de segurança alimentar e nutricional em território periférico.

Com os dados em mãos, eles buscaram parcerias para o processo de mapeamento a fim de identificar as áreas onde a fome estava mais severa, visando enfrentá-la de forma mais direta. É importante destacar que a comunidade desempenhou um papel extremamente significativo na descoberta desses dados e que, sem a participação dela, a margem de erro poderia ter sido catastrófica, considerando o que estava sendo combatido, no caso, a fome severa.

A princípio, para o mapa participativo, foram identificadas 14 cozinhas. Esses dados foram obtidos a partir do levantamento das quatorze cozinhas, o CDVHS (Coletivo Territorial), e os parceiros, incluindo a Unilab - Diálogos, representada pelo Professor Eduardo, e o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Geografia da Alimentação da UFC, liderado pela Professora Iara entre outras financiado pela MISEREOR (Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação ao desenvolvimento). Somando todas as organizações comunitárias e acadêmicas, foi realizado o mapa participativo de combate à fome no Grande Bom Jardim, lançado em 22 de setembro de 2022. Esse mapa é de extrema importância, pois representa uma política pública construída de forma colaborativa, indicando democraticamente as áreas mais afetadas pela fome severa no território do Grande Bom Jardim e como resultado desse processo de mapeamento da fome, a comunidade conseguiu formar um grupo organizado de cozinhas locais que está concentrado em exigir políticas emergenciais buscando diálogo tanto no âmbito executivo quanto no legislativo para acompanhar o andamento do processo de lei 18.312, que é o programa estadual Ceará sem fome.

## **METODOLOGIA**



A metodologia foi a observação direta de situações cotidianas em processos internos (reuniões de planejamento estratégicas, elaborações de regimentos e convocação para reuniões extraordinárias e ordinárias). Quanto para reuniões externas (Reuniões com o poder executivo e legislativo) fazendo anotações em um diário de campo e posteriormente, desenvolvendo relatórios analíticos tentando enfatizar a estrutura utilizada dentro das reuniões, falas e contextos das reuniões.

Estivemos durante a pesquisa no acompanhamento direto do WhatsApp, Instagram da rede de cozinhas comunitárias, com a observação direta de situações cotidianas e de processos sociais e políticos no dia a dia.

Fizemos o mapeamento cronológico das ações do poder do poder executivo estadual no combate a fome, a partir de reuniões que aconteceram na rede mostrando que antes das reuniões da rede com as lideranças do pacto governamental contra a fome havia uma postura de como lidar com a problemática e que essa postura mudou a partir do momento que a rede trouxe para o debate o saber fazer popular, culminando no programa Ceara sem fome.

Fizemos um mapeamento cronológico com as ações da rede de cozinhas comunitárias do Grande Bom Jardim no combate a fome no ano de 2023.

A pesquisa apontou que a estrutura do saber fazer, partia das místicas e capilaridades palavras essas que se apresentaram muito durante as reuniões para explicar que as soluções apresentadas pelas lideranças trazem também um embasamento territorial, histórico, social e popularmente aceito como base uma vida de lutas que se confundem as vezes com a história e construção da própria comunidade.

Diante dessa nova abordagem, construímos um cronograma de visitas as cozinhas comunitárias e um roteiro de entrevistas semi- estruturadas que visam analisar como a mística de cada cozinha da rede se dá e como a capilaridade de atuação se formou dentro do território.

Há uma produção imagética de 19 cozinhas comunitárias.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A rede de cozinhas comunitárias do Grande Bom Jardim é inovadora por ser capaz de criar e reafirmar uma nova narrativa que coloca seus agentes no centro das escolhas, de trabalhar sob essa perspectiva rejeitando o modelo tradicional de lideranças da velha política, muitas vezes paternalista e clientelista, buscando novas soluções e estratégias baseadas no saber fazer popular comunitário criando assim metodologias de debates e construções de diálogos, baseadas em dados construídos pela própria rede, essa força fica evidente quando a primeira dama do estado Lia Freitas construiu o espelho do programa baseada nos relatórios, mapas e dados produzidos pela rede de cozinhas que foram de grande importância para que a Lei 18.312 pudesse ser efetivamente pensada e implementada.

A Rede de cozinhas comunitárias foi inovadora também pela idealização da caravana em que envolvem a participação de gestores, parlamentares, órgãos do sistema de justiça, defensoria pública, parceiros das universidades, entre outros. Durante a caravana, ocorre uma caminhada e uma apresentação de uma cozinha por região, a caravana passa pelos bairros Bom Jardim, Granja Portugal, Granja Lisboa, Siqueira e Canidezinho. Essa metodologia é vivencial e humanizada, visando sensibilizar as pessoas que estão em posições de decisão como é possível transformar problemas em soluções.

Dentro do entendimento da mística e capilaridade da rede analisamos que a mística de cada liderança se da dentro da estrutura territorial que perpassa sobre toda vivencia no território, para melhor exemplificar como a capilaridade se da cada liderança trabalha com a população dentro do que mais se tem carências e afinidades dentro do contexto social inserido. Essas ações podem ou não se repetir entre as instituições trazendo entre todas o combate a fome como uma temática que interliga as associações e instituições.

Há também o auxílio desses moradores as instituições e associações muitas das vezes voluntário demonstrando que o apreço desses moradores pela mística do local, e fundamental para com que essas instituições permaneçam funcionando, a pesquisa mostra que sem a força comunitária as lideranças não teriam o suporte necessário para que a capilaridade fosse tão profunda e permanente já que há instituições que funcionam a 40 anos é essas dinâmicas mutuas transcendem muitas vezes chegando a outras comunidades, significando que o alcance desses serviços e as dinâmicas diversas impactam positivamente os moradores. A mística se demonstrou ser como essas lideranças direcionam o seu olhar dentro da comunidade e isso afeta diretamente nas decisões e prioridades que essas associações e instituições irão ter, a mística pode ter como base toda a vivência da liderança que influencia diretamente na dinâmica diária das instituições e associações.

## **CONCLUSÕES**

A rede de cozinhas comunitárias do grande bom jardim é uma tecnologia social inovadora por conseguir agregar o conhecimento local e a sabedoria popular já existentes, traçando estratégias para abrir novas perspectivas para a aplicação de políticas públicas de grande relevância nas esferas municipal, estadual, federal e avançar na agenda de combate à fome e de insegurança alimentar nos territórios do Grande Bom Jardim. Abandonando velhas tradições clientelistas e paternalistas e traçando novos caminhos com metodologias e conceitos garantindo uma nova abordagem para se colocar no centro da discussão, conceitos como eles “os políticos ou a administração pública precisam de nós e não nos precisamos deles” ou “nós temos o conhecimento de como e onde fazer” trouxe o saber fazer, ou o conhecimento empírico para pensar a política de combate a fome para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Trazendo para o debate o direito humano à alimentação adequada e saudável, com valor nutricional adequado pensando no cardápio que já é naturalmente aceito dentro da cultura alimentar local.

Com acesso a refeições de qualidade nutricional que, além de aliviar a fome extrema, possibilitou uma redução gradual da insegurança alimentar e nutricional no Ceará. Trazendo soluções para um problema que se mostra persistente em todo o mundo e principalmente, nas grandes cidades com maior disponibilidade de alimentos de baixa nutrição, ultra processados e de alimentos de preparação fácil ou pré-cozidos além de refeições rápidas mais baratas, que geralmente são hipercalóricos e com alto teor de gorduras, açúcares ou sal.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no qual fui bolsista de iniciação científica e tecnológica, ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico (PIBIT), a Universidade da Lusofonia Afro Brasileira, ao grupo de pesquisa e extensão diálogos urbanos.

## **REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, A. P. (Grande) Bom Jardim: Reterritorialização e Política de Representação à Luz da Nova Pragmática. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2014.
- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86,



2009.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Relatório de Grupo de Trabalho-Produção Técnica. Brasília, 2019.

CARLOS, Euzeneia. Contribuições da análise de redes sociais às teorias de movimentos sociais. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 19, n. 39, p. 153-166, jun. 2011.

